



UC/EPCE — 2018

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Narrativas dos protagonistas sobre aspetos do seu desenvolvimento pessoal e familiar – Um estudo exploratório junto de ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa

Jennifer Alexandra Fernandes dos Santos (e-mail: Jennifer.a-santos@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Doutora Maria Jorge Ferro

Narrativas dos protagonistas sobre aspetos do seu desenvolvimento pessoal e familiar – Um estudo exploratório junto de ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa

Resumo

O presente estudo pretende compreender como a Guerra Colonial Portuguesa afetou, direta e indiretamente, os ex-combatentes e o seu núcleo familiar, bem como o seu desenvolvimento. Desta forma, foram analisadas dez histórias de vida de dez ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa através de uma metodologia qualitativa, inspirada na Grounded Theory procurando prestar atenção não só às narrativas dos participantes, mas também ao contexto da sua participação, à possibilidade de trazerem para a conversa fotografias ou outros elementos de apoio à memória, por exemplo. Esta investigação visa analisar as perceções, representações e significados atribuídos pelos sujeitos relativamente à Guerra e como esta afetou a vida de cada um destes homens. As narrativas dos ex-combatentes foram recolhidas através de entrevistas e analisadas de acordo com as técnicas de análise de conteúdo.

Os resultados da análise mostram a existência de oito grupos de categorias: “Roubo da Mocidade”, “Resignação”, “Separação Familiar”, “Morte”, “Medo”, “Mudança dos Ex-combatentes”, “Desgaste Familiar” e “O Tempo Perdido” que originaram três grandes grupos “Juventude Perdida” (“Roubo da Mocidade” e “Resignação”), “Consequências da Guerra” (“Separação Familiar”, “Morte” e “Medo”) e “Reintegração pós-guerra” (“Mudança dos Ex-combatentes”, “Desgaste Familiar” e “O Tempo Perdido”). A categoria principal que abrange todas as já mencionadas é “Identidade Silenciada”.

Concluiu-se que, apesar destes homens serem uns sobreviventes desta guerra, ficou claro que ainda sentem dificuldades em falar sobre o sucedido, principalmente com as pessoas mais próximas, a família,

ficando comprovada a importância que pode ser realizar um bom luto para assim superar mais facilmente uma pesada morte, pois o contrário originou um afastamento da família, tendo resultado, em alguns casos, em conflito nesse seio familiar, como por exemplo no sistema conjugal e entre pais e filhos, uma vez que a vida familiar destes homens como eles a olham pode não corresponder verdadeiramente ao modo com as suas redes sociais ou mesmo a constituição do grupo familiar a experimentam. Alguns dos entrevistados revelaram ainda terem pequenas sequelas como ficarem agitados com barulhos mais altos ou sonhar ainda com o que lá se passou. Crê-se que esta investigação oferece reflexões úteis para possíveis futuros estudos.

Palavras chave: Guerra Colonial, ex-combatentes, Grounded Theory, desenvolvimento familiar.

Narratives of the protagonists on aspects of their personal and family development – An exploratory study next to ex-combatants of the Portuguese colonial war

Abstract

The present study intends to understand how the Portuguese Colonial War affected, directly and indirectly, ex-combatants and their family nucleus, as well as their development. This way, ten life histories of ten ex-combatants of the Portuguese Colonial War were analyzed through a qualitative methodology, inspired by the Grounded Theory, paying attention not only to the narratives of the participants, but also to the context of their participation, the possibility of bringing photographs or other memory support elements into the conversation, for example. This research aims at analyzing the perceptions, representations and meanings attributed by the subjects regarding the War and how this affected the life of each of these men. The narratives of the ex-combatants were collected through interviews and analyzed according to the content analysis techniques.

The results of the analysis show the existence of eight groups of categories: "Theft of Youth", "Resignation", "Family Separation", "Death", "Fear", "Changing Ex-combatants", "Family Wear", "The Lost Time" that originated three major groups "Lost Youth" ("Theft of Youth" and "Resignation"), "Aftermath of War" ("Family Separation", "Death" and "Fear") and "Postwar Reintegration" ("Changing Ex-combatants", "Family Wear" and "The Lost Time"). The core category that covers all the mentioned above is "Silenced Identity".

It was concluded that, although these men were survivors of this war, it was clear that they still feel difficulties to talk about what happened, especially with their family, being proved the importance of mourning in order to overcome more easily a grievous death, since the opposite has caused a departure from the family, resulting in conflict

within the family, such as in the marital system and between parents and children, since the family life of these men as they look at it may not truly correspond to the way their social networks or even their family group experience it. Some of the interviewees revealed they still have small sequels like being agitated with loud noises or dreaming about what happened there. It is believed that this research offers useful conclusions for possible future studies.

Key words: Colonial war, Ex-combatants, Grounded theory, Family development.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradecer à Professora Doutora Maria Jorge Ferro pela orientação, disponibilidade, paciência, pela partilha de conhecimentos, pelo respeito e por todos os ensinamentos ao longo deste último ano.

Obrigada também a todos os ex-combatentes que se disponibilizaram a colaborar neste estudo e obrigada também à Liga dos Combatentes de Chaves que sempre se mostrou disponível a ajudar.

À minha família de Coimbra, à Mariana Ferraz, Margarida e Rita, obrigada pelos bons momentos que me proporcionaram, por todos os almoços e jantares, pela compreensão e pelo apoio. À Débora e à Mariana, que me acompanham desde o primeiro dia, por todos os ensinamentos, pela paciência, pelas gargalhadas, por todos os bons e maus momentos, por serem as minhas miúdas, um muito obrigado.

À minha colega Inês, obrigada pelo companheirismo, pela cooperação, pela ajuda e pela disponibilidade sempre que precisei.

Aos meus amigos de sempre, pela compreensão das minhas ausências principalmente nesta última fase, por estarem sempre lá para mim, pela força e motivação. Obrigada. E principalmente a ti Daniele, obrigada.

E por fim, à minha família, aos meus avós e irmão, mas principalmente aos meus pais, que me deram asas para sonhar e fizeram com que isto tudo fosse possível. Por todo o carinho e apoio incondicional, por sempre acreditarem em mim e por serem os grandes pilares da minha vida. Um obrigada não chega.

E ao meu Dioguito, isto também é por ele.

Índice

Introdução	1
I - Contextualização Histórica	3
Guerra Colonial	3
Pós-colonialismo.....	4
II - Enquadramento conceptual	5
Existencialismo.....	5
Psicologia rogeriana.....	6
Sentimento de luto	7
Impacto do trauma dos veteranos de guerra nas famílias	8
III - Objetivos	9
IV - Metodologia	10
Grounded Theory.....	10
Procedimentos.....	13
Participantes.....	14
Dimensões Éticas	15
V – Apresentação e análise dos dados.....	16
VI - Discussão	30
Conclusão.....	35
Referências bibliográficas	38
Anexos	42
Anexo 1.....	42
Anexo 2.....	43
Anexo 3.....	47

Introdução

A Guerra Colonial (1961-1974), foi um confronto entre Portugal e as ex-colónias portuguesas devido à recusa por parte de Portugal de dar a independência às ditas colónias. Como sabemos, a História, tal como a conhecemos, é elaborada por pessoas – historiadores, na maior parte dos casos, que, como sabemos, não têm necessariamente a preocupação de escutar a voz daqueles que viveram cada fragmento do tempo que se pretende estudar mas sim o tema que se tem como central do trabalho a desenvolver. Neste nosso projeto, o que importa é precisamente dar voz e ouvir homens (Payne, 2006) que tendo participado naquele período histórico viram a sua história pessoal ali inscrita.

A guerra colonial teve várias influências não só diretas como indiretas, no desenvolvimento dos intervenientes da mesma. Um exemplo é o modo como influenciou não só os ex-combatentes, mas também todo o seu núcleo familiar (Gomes, 2018).

Este tema é interessante como objeto de estudo do ponto de vista da psicologia, visto que, sendo esta a ciência que estuda o comportamento humano (a construção da identidade, as formas de expressão da personalidade, etc.), permite entender de que modo as situações vividas durante a guerra influenciaram diretamente estes indivíduos e indiretamente os seus familiares, bem como aqueles que se relacionarão com eles e de que modo poderão ser indiretamente influenciados. Isto poderá abrir portas na atuação terapêutica junto destas pessoas e dos seus familiares, mas mais ainda, permite compreender com novas perspetivas – fundamentadas pelas narrativas das vivências dos protagonistas desta etapa histórica que envolveu o país –, uma realidade de que pouco se sabe ainda hoje.

Posto isto, é interessante realizar esta investigação para a redação de uma dissertação de modo a tentar perceber de que modo é que a Guerra Colonial influenciou o desenvolvimento e evolução familiar, se isto se verificar, com base nas entrevistas realizadas a dez homens, ex-combatentes da Guerra Colonial, analisando, posteriormente, as suas narrativas, baseando-nos na análise de conteúdo das suas falas, uma metodologia qualitativa. Em termos particulares, este tema também é particularmente próximo visto que há casos de ex-combatentes no próprio seio familiar da investigadora e é interessante verificar de que modo é que a participação na guerra do ultramar pode ter influenciado, portanto, a família de que se provém.

Seis pontos são aqueles que compõem esta tese. Num primeiro capítulo, enquadra-se o objeto de estudo do ponto de vista histórico, bem como a situação dos combatentes portugueses no conflito. Num segundo capítulo, faz-se uma revisão da literatura da temática do estudo. Num terceiro capítulo, os objetivos, onde se define o problema e se indicam os objetivos, questões e hipóteses de investigação. No quarto capítulo, descreve-se a metodologia selecionada, incluindo as técnicas de recolha e análise de dados utilizadas e fundamentando devidamente essas opções. No quinto capítulo, procede-se à análise das entrevistas realizadas, seguindo um percurso das trajetórias e vivências destes homens. No sexto capítulo, na discussão, reflete-se sobre os resultados e articulam-se com o modelo teórico e a investigação contemplados na revisão da literatura. No sétimo e último momento, a conclusão, uma síntese das principais conclusões e reflexão global sobre o significado da investigação no que diz respeito às suas implicações teóricas e práticas.

I - Contextualização Histórica

A Guerra Colonial

Portugal possuía um apego com as suas colónias há séculos, todavia, em 1961 eclode a Guerra do Ultramar uma vez que o país negou o pedido da ONU acerca de fazer independentes as colónias portuguesas, levando, deste modo, a inevitáveis conflitos com as colónias (Diniz, 2004).

Angola foi, em fevereiro de 1961, ano em que se iniciou a Guerra, a primeira colónia a ser atacada contra o domínio português, tendo o MPLA (Movimento Popular e Libertação de Angola) começando por atacar a prisão de Luanda e uma esquadra da polícia. A União das Populações de Angola armou vários ataques contra a população portuguesa, no norte do país. (Rosas, 2018).

Já em 1963, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde originaram vários ataques que deram a independência da Guiné e Cabo Verde, em janeiro desse mesmo ano. Uma força defensiva foi desencadeada nesses territórios pelas forças portuguesas, onde, para além de manter as posições da conquista das populações, contiveram também as ações do PAIGC, desencadeando um desgaste para os portugueses uma vez que eram constantemente surpreendidos pela população daquelas colónias (Diniz, 2004).

Foi em setembro de 1964 a primeira ação a ser realizada pelo movimento de libertação moçambicano, denominado por Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Mais tarde, nesse mesmo ano, as tropas portuguesas sofrem as primeiras baixas no norte de Moçambique (Diniz, 2004).

Portugal envolve-se assim numa Guerra com o objetivo de manter as suas colónias, que duraria 13 anos, desde 1961 a 1974, em

três grandes frentes: Angola. Guiné e Moçambique. Entre esta época, passaram oitocentos mil soldados portugueses, atingindo nove mil mortos e mais de quinze mil feridos. A 27 de julho de 1974, o General Spínola anuncia finalmente o reconhecimento de independência. Dava-se assim início ao processo de descolonização (Diniz, 2004).

O pós-Colonialismo

Foram os soldados portugueses que participaram na Guerra Colonial Portuguesa as consequências mais visíveis deste conflito. Ex-combatentes, muitos amputados, outros com sequelas psicológicas viam como refúgio os hospitais militares, mantendo-se assim longe da vista da sociedade. Todavia, apesar destes hospitais, não houve qualquer regalia ou assistência médica para estes soldados, só a partir do 25 de abril de 1974 é que foi criada a Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA) que possibilitou a prestação de serviços aos associados (Sendas, 2010).

Durante os 13 anos de guerra contam-se oito mil mortes e cerca de cem mil feridos ou incapacitados. Cento e quarenta mil são os afetados pelo stress da guerra. A ADFA conta, assim, com mais de treze mil e quinhentos associados, ilustrando perfeitamente as necessidades sentidas destas vítimas de guerra (Sendas, 2010).

Na sequência da exposição a experiências traumáticas, marcadas pela imprevisibilidade da guerrilha, originou várias sequelas psicológicas crónicas nos protagonistas destas emboscadas. Aqueles que regressaram da Guerra, cúmplices desse tempo africano nem sempre fácil de contar aos filhos, continuam a lidar com situações complicadas, dramas psicológicos e desajustamentos que foram transformando para sempre as relações familiares, ao transferir a violência da guerra para o seio familiar (Sendas, 2010).

II – Enquadramento conceptual (revisão da literatura)

Existencialismo

Segundo Haldane e McCluskey (1982), o Existencialismo pode ter mais do que uma definição, entre elas a defendida por Macdonald que postula que o homem tem de criar valores para si mesmo através da ação e vivendo cada momento ao máximo. Por outro lado, também pode ser definido como uma doutrina filosófica que enfatiza o contraste entre a existência humana e o tipo de existência possuída por objetos naturais. Os homens são dotados de vontade e consciência e dão por si num mundo estranho de objetos que não têm nem uma nem outra, segundo Bullock e Stallybrass (Haldane & McCluskey, 1982).

Apesar de ser dotado de vontade e consciência, além de livre arbítrio, o homem ilude-se, forçando-se a acreditar em algo sobre o qual pode não estar totalmente convencido porque é mais fácil, tentando convencer-se que há apenas uma única opção, o que não é correto pois somos seres livres, tendo mais que uma escolha. Isto pode ocorrer pois a curto prazo a dor é imediata, todavia a longo prazo há um empobrecimento psicológico e o aparecimento do sentimento de angústia (Sartre & Ferreira, 1970).

Outro nome ligado ao Existencialismo é Viktor Frankl, psiquiatra austríaco, ex-presidiário durante o Holocausto que através desta doutrina conseguiu encontrar um propósito para viver e não apenas sobreviver, mesmo sob circunstâncias extremas, tendo inclusivamente escrito posteriormente o livro “Man’s Search for Meaning”, onde narra algumas das suas experiências. Fundou ainda a Escola da Logoterapia, focada na procura pelo sentido da vida (Frankl, 1985). Segundo esta Escola, há três princípios fundamentais, sendo eles: a existência tem que ter sentido em qualquer circunstância; o objetivo de vida de cada um é encontrar um sentido para a vida; temos liberdade e como tal,

podemos escolher, como vamos atribuir significado e importância às experiências que temos, como deixamos que elas nos afetem, qual é o seu peso na nossa vida (Frankl, 1985). Segundo a Logoterapia, o sentido da vida pode ser alcançado com recurso a três métodos: atitudes que tomamos face ao sofrimento; experiências e pessoas que nos rodeiam; trabalho e boas ações (Frankl, 1985).

A psicologia rogeriana

Carl Rogers foi um psicólogo do século XX, defendendo uma abordagem essencialmente humanística, isto é, centrada na pessoa, sendo esta, em cada situação, livre de fazer as suas escolhas e, segundo a qual, deve-se fomentar o crescimento pessoal estimulando a auto-realização da pessoa. Esta abordagem, engloba três tipos de aprendizagem, a cognitiva que advém do armazenamento e estruturação da informação na mente, a afetiva está associada aos sentimentos internos como por exemplo a dor e a alegria, e a psicomotora associado a respostas físicas a partir do treino e prática (Moreira, 1999).

Segundo esta abordagem, quando uma entidade superior tenta inculcar algo oposto às crenças pessoais do subordinado, pode haver uma certa resistência por parte deste. Por outro lado, quando os subservientes acreditam na causa são mais eficientes englobando a componente afetiva e cognitiva, encontrando-se mais predispostos para assimilar a mudança. Além disso, a auto-realização é o ponto chave em vários tipos de relação como por exemplo no âmbito educacional, mas também nas relações interpessoais, como por exemplo, as familiares (Moreira, 1999).

O processo de mudança é inevitável no desenvolvimento do ser humano. Handler (1987) definia mudança como sendo um processo de alteração pessoal ou de grupo, de reestruturação das representações

singulares ou coletivas através da formação de novos objetivos, sonhos e desejos, unificado por novas explicações identitárias.

Sentimento de luto

Passaram já quarenta e quatro anos desde o fim da guerra colonial e poucos são os dados sobre a prevalência de perturbações psicológicas consequentes da experiência da guerra nos veteranos portugueses.

Foy *et al.* (1987), verificaram que os fatores para o desenvolvimento das perturbações psicológicas se devem ao envolvimento em situações ameaçadoras como o ser ferido, o presenciar morte de civis e a exposição a situações grotescas e desumanidades. De facto, o presenciar a morte de colegas é considerado um grande fator para o desenvolvimento destas perturbações (Pereira, Pedras, Lopes, Pereira & Machado, 2010).

A exposição a situações traumáticas pode resultar num efeito negativo nas relações interpessoais, familiares, conjugais e nas capacidades parentais.

Certos estudos com famílias de veteranos de guerra mostram que há certos níveis de conflito e distress familiar e conjugal. Ocorre uma maior rigidez de papéis, baixos níveis de satisfação marital e de expressividade na família, pouca coesão e adaptabilidade, bem como dificuldades de comunicação (Pereira, Pedras, Lopes, Pereira & Machado, 2010).

Sentimentos no Ultramar

Maia *et al.* (2006) referem que vários dos ex-combatentes nutriram vários sentimentos, entre os quais orgulho, vergonha, raiva e culpa. Em relação ao orgulho verificaram que maior parte dos veteranos tinha um grande orgulho por ali estar e houve relatos da vergonha ser baixa,

assim como a raiva e a culpa (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006).

Apreciação da experiência de guerra

Os sujeitos apreciam a sua experiência como negativa: 74% refere que a guerra não lhe trouxe nada de bom; 79% não escolheriam ter a experiência de guerra se pudessem voltar atrás; 34% referem a realização de ações contra a sua moral. Os significados outorgados à guerra são, predominantemente, negativos. Todavia, 30,5% atribuem um significado positivo à sua experiência de guerra (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006).

Impacto do trauma dos veteranos de guerra na família

Figley e Barnes (2005) referem que o trauma da vítima de guerra pode ser transmitido e vivido pela família, referindo até que esse trauma pode provocar uma “ferida” emocional e por vezes física na família da vítima, podendo assim afetá-la ao nível das suas rotinas diárias, padrões de interação, mecanismos de coping, comunicação, disciplina e ao nível do suporte emocional que é fornecido (Pedras, 2009).

Temos de ter em conta os comportamentos do veterano que mais podem afetar a família de uma forma negativa, nomeadamente os comportamentos de evitamento, não falar, não sentir e não confiar, estes que resumem os comportamentos de evitamento mais importantes (Pedras, 2009).

A família da vítima, numa tentativa de compreender e sentir empatia por esta, a família pode começar a sentir e a experienciar emoções semelhantes à do ex-combatente, como problemas de sono, sintomatologia depressiva, entre outros, surgindo um modelo de

transmissão do trauma, modelo este que origina stress traumático secundário aos membros da família, devido, a como referimos anteriormente, conseguir reconhecer a dor e o sofrimentos dos outros e compreender essa dor, a empatia. A família acaba por se tornar a vítima secundária do trauma de guerra. Este trauma pode ser transmitido no sistema familiar, no sistema conjugal e de pais para filhos (Pedras, 2009).

No geral, e como foi referido em vários estudos, as famílias de veteranos apresentam níveis de stress mais elevados, com pouca coesão e adaptabilidade, bem como dificuldades de comunicação (Pedras, 2009).

III - Objetivos

A presente investigação procura conhecer e contribuir para a descrição de aspetos ligados à experiência de Guerra para procurar compreender o impacto destas vivências no subsequente desenvolvimento destes homens e nos modos como se relacionaram consigo mesmos e com as famílias de origem e as famílias que constituíram durante ou no pós-guerra. Não é pretendido fazer um estudo retrospectivo de um grupo (os ex-combatentes) uma vez que o grupo de participantes é reduzido e foi selecionado por conveniência, é sim um trabalho que possa contribuir para dar lugar à visibilidade para a compreensão de um tempo histórico, social e de organização das pessoas e das famílias neste país que parece não ter ainda encontrado modos pacificados de lidar com o seu passado colonial.

O objetivo é teorizar, a partir da perceção, o impacto que a guerra teve nos ex-combatentes e nas famílias destes, considerando dimensões cognitivas, emotivas/emocionais ou dos afetos e relacionais.

Este entendimento será feito com base na análise qualitativa das entrevistas (análise de conteúdo, conforme Rogers, Erikson, Viktor Frankl), assim como da observação e interação com os entrevistados. Estes objetivos serão alcançados com inspiração na abordagem centrada nos dados ou Grounded Theory.

IV - Metodologia

Grounded Theory

Em diferentes áreas da Psicologia é experimentada esta metodologia qualitativa que tem vindo a progredir e é muito usada pelos investigadores no âmbito das ciências sociais e humanas (Fernandes & Maia, 2001).

A metodologia qualitativa é utilizada em estudos que contextualizam o conhecimento, tomando o próprio processo de construção de conhecimento como uma dimensão importante a considerar. Este posicionamento suporta-se na crença de que não existe produção de conhecimento independente do sujeito conhecedor, assumindo-se que o investigador deve incorporar e assumir na sua produção científica a sua própria subjetividade (Fernandes & Maia, 2001).

A investigação qualitativa tem já uma longa história, tendo surgido a Grounded Theory, desenvolvida por dois sociólogos, Barney Glaser e Anselm Strauss (Fernandes & Maia, 2001).

Estes sociólogos realizaram investigações com doentes em fase terminal em contexto de hospital, sendo que, para formalizar uma resposta metodológica, propuseram um modelo de investigação grounded, tendo como objetivo criar uma ligação mais estreita entre a

teoria e a realidade estudada, sem pôr de parte o papel ativo do investigador. Em 1967 Glaser e Strauss descreveram a Grounde Theory como uma teoria que pode ser construída através dos dados, utilizando para isso o método de comparação constante (Bogdan & Biklen, 1994).

Para uma interpretação rigorosa e precisa dos dados, os procedimentos têm de ser bem definidos, sendo que, estes procedimentos permitem ao mesmo tempo uma alta criatividade para a interpretação e conceptualização dos mesmo, uma vez que essa criatividade vai dar apoio à sensibilidade teórica e vai estimular a formulação de questões, o que favorece o método de comparação constante (Fernandes & Maia, 2001). O principio central da Grounded Theory consiste num movimento contínuo entre a construção do investigador e o retorno aos dados (Rennie, Phillips, & Quartaro, 1988), e para isso o método de comparação constante é usado pois estimula a reflexão sobre as propriedades e dimensões das categorias (Strauss & Corbin, 1998), alcançando no fim a saturação teórica dos dados, isto é, quando chegamos ao momento em que não se verifica a emergência de novos dados (Cassiani, Caliri & Pelá, 1996).

Ao definirmos o problema que se pretende estudar, sendo este o primeiro passo a fazer, o investigador formula questões acerca do que quer conhecer sobre esse fenómeno. Ao longo do processo da análise, essas questões não têm de permanecer constantes (Lima & Ferro, 2014). A partir das narrativas dos entrevistados, são realizadas estas questões que podem e devem evoluir com a análise, tornando-se mais específicas e focalizadas na exploração dos dados (Fernandes & Maia, 2001).

Antes da recolha de dados não é preciso a constituição de uma amostra completa e fechada, mas sim uma amostra definida pela própria análise. Finaliza-se a análise das narrativas quando se alcança a saturação teórica, sendo, também, recomendada a análise das entrevistas conforme a sua realização (Fernandes & Maia, 2001).

Iniciamos por quebrar a informação, permitindo a análise dos dados. Através de um processo de codificação é definida uma análise orientando a procura de significados. São distinguidos três tipos de codificação: aberta, axial e seletiva (Lima & Ferro, 2014).

Começamos por fragmentar os dados, com o objetivo de encontrar neles ideias e conceitos. É feita uma alteração da formulação das questões e estabelecem-se comparações, passando para a agrupação dos conceitos em categorias, tendo sempre em conta as semelhanças que podem existir entre eles. A associação de um conceito a uma categoria é provisória e não é mutuamente exclusiva, podendo o mesmo conceito associar-se a outros para integrar diferentes categorias (Fernandes & Maia, 2001). Trata-se assim de um procedimento de “decomposição, análise, comparação, concetualização e categorização dos dados” (Strauss & Corbin, 1990, p. 61). A esta fase chamamos de codificação aberta (Lima & Ferro, 2014).

De uma grounded analysis vão resultar várias ideias e o investigador deve passar ao registo de todas essas ideias, recorrendo ao uso de memorandos que são anotações que o investigador faz acerca das categorias, das suas propriedades e das relações existentes entre elas, sendo então, importantes no momento em que se constrói a teoria (Petrini & Pozzebon, 2009).

A codificação axial consiste num “conjunto de procedimentos onde os dados são agrupados de novas formas (...) através das conexões entre as categorias” (Strauss & Corbin, 1990, p. 96) e é o procedimento a ser realizado depois da codificação aberta. Apesar destes dois serem procedimentos distintos, não são precisamente etapas analíticas sequenciais, uma vez que o modo como emergiram as categorias na codificação aberta deve ter-se em conta na codificação axial (Strauss & Corbin, 1998).

Numa investigação deve existir um tema principal, sendo esse, na Grounded Theory, representado numa categoria central (Fernandes & Maia, 2001; Strauss & Corbin, 1990). Resultando do estabelecimento de relações sistemáticas entre a categoria central e as outras categorias, surge a codificação seletiva, sendo esta semelhante à codificação axial, todavia, num nível mais abstrato (Strauss & Corbin, 1990).

Depois de analisar e codificar os dados recolhidos, surge a necessidade de integrar as categorias na forma de teoria (Fernandes & Maia, 2001). Esta deve representar adequadamente o fenómeno que é objeto de análise (Lima & Ferro, 2014).

Procedimentos

Para a realização deste estudo utilizámos uma entrevista semiestruturada para recolha dos dados obtidos. As entrevistas foram registadas com recurso a um gravador de áudio e posteriormente transcritas. As mesmas procuraram dar alguma liberdade ao entrevistado para expor livremente a sua história de vida e os episódios que quisesse partilhar, procurando ao mesmo tempo abordar temáticas que são pertinentes para os objetivos do estudo.

No processo de análise da informação usámos um programa informático que facilitou o nosso trabalho. Recorremos ao chamado oTranscribe, uma aplicação voltada para a transcrição das entrevistas passando essas mesmas transcrições para um documento Word. Com o propósito de proteger a identidade dos entrevistados, foram adotados nomes fictícios e os utentes foram informados deste procedimento.

A entrevista foi organizada em três partes (ver Anexo 2). A primeira parte da entrevista é constituída por questões relacionadas com um questionário sociodemográfico e tem como principal objetivo recolher alguns dados por forma a caracterizar a amostra,

nomeadamente algumas informações como a idade dos participantes, as habilitações literárias, o trabalho antes da guerra e a constituição da família antes da guerra, como conheceu a mulher. Na segunda parte são abordadas temáticas mais direcionadas para a época em que esteve destacado. São abordadas questões relacionadas com o tempo de mobilização, assim como o sentimento que teve quando teve conhecimento que ia ser destacado, tal como o que era feito para suportar melhor a distância com a família. Diz respeito aos aspetos militares da vida do indivíduo, desde o falar da guerra com o resto dos colegas, se acreditava na causa porque estava a lutar, partida e chegada ao cenário de guerra, questões ligadas ao cenário de guerra em si, como é o caso das operações que realizou. Numa última parte é centrada sobretudo nos momentos que mais marcaram o entrevistado, no poder do luto de forma a perceber a realidade, absorvendo a perda do colega, e da religião para sobreviver, no regresso a Portugal e/ou na possível fuga, em aspetos familiares no pós-guerra com especial ênfase no impacto do trauma causado pela guerra e como isso pode ter influenciado na sua relação conjugal.

Participantes

Participaram na investigação 10 homens ex-combatentes, todos eles sócios da Liga dos Combatentes. A idade dos participantes situa-se entre os 65 e os 79 anos: três dos participantes situam-se na faixa etária entre os 65 e os 69 e sete entre os 70 e os 79.

Em termos da caracterização demográfica dos participantes, sete continuam casados, dois são viúvos e um é divorciado. Todos têm filhos.

No momento da entrevista, os sete participantes casados residem com a esposa, dois sozinhos e um com a filha.

A escolaridade dos participantes varia entre o ensino primário e a Licenciatura (cinco dos participantes têm o ensino primário, dois do segundo ciclo, um tem o secundário e um é licenciado). Sete dos participantes residem em áreas urbanas, na cidade de Chaves, um na área rural do concelho de Chaves e um no distrito de Coimbra.

Relativamente à atividade profissional, nas datas das entrevistas, todos os participantes eram reformados, todavia enquanto ativos, três foram Guarda Nacional Republicano, um trabalhou no ramo do comércio, um foi taxista, um foi professor, um foi construtor civil, um foi funcionário das finanças, um foi militar, e outro foi operário fabril.

Quanto às características de experiência de guerra, todos serviram no Exército. Em termos de posto, serviram como soldados. Quanto à especialidade, apenas um dos participantes foi condutor. O teatro de guerra mais prevalente foi Angola (oito dos entrevistados), seguido de Moçambique (dois dos entrevistados) e Guiné (dois dos entrevistados). Um dos homens esteve presente nas três ex-colónias, em anos diferentes.

Dimensões Éticas

Para que esta investigação se torne credível, há aspetos éticos a ter em conta, sendo eles a beneficência, o respeito pela dignidade humana e a justiça, conforme preconizado pelos documentos oficiais e que procuram assegurar as boas práticas em psicologia e na investigação.

(https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/web_cod_deontologico_pt_revisao_2016.pdf).

A beneficência possui dimensões como a integridade, a garantia contra a exploração e a avaliação do risco/benefício. Pretende não causar dano.

Tendo em conta que alguns acontecimentos que fossem lembrados poderiam causar certa ansiedade para os participantes, era questionado, nessas situações, se estava tudo bem e se queriam continuar a entrevista.

Os participantes têm a liberdade de controlar as suas próprias atividades, neste caso a participação voluntária no estudo, havendo, deste modo, o respeito pela dignidade humana. Neste sentido antes de iniciar cada entrevista foi entregue um pedido de colaboração a cada participante, informando o propósito da investigação para a sua participação no estudo, respeitando assim o princípio da autodeterminação.

A justiça inclui o direito ao tratamento justo e à privacidade, tendo sido assegurada a confidencialidade dos dados obtidos e a sua utilização exclusivamente para fins académicos e científicos.

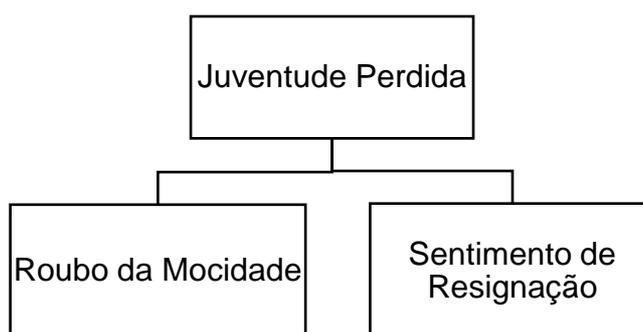
V- Apresentação e análise dos dados

A recolha de dados implica um conjunto de riscos específicos que advêm da natureza do próprio processo. Neste caso, lembrar certos acontecimentos poderiam gerar momentos de ansiedade ou confusão, ou até algum mau estar, tal como, ao longo das respostas dadas pode não haver completa honestidade. O quinto entrevistado comentou “ainda agora falar nesta situação parece que até os cabelos se poem em pé” (A.T), asseverando a ansiedade que poderia estar a passar naquele momento de entrevista, também, por exemplo, o último entrevistado começou a chorar. Todos eles se mostraram bastante abertos para falar, todavia, alguns dos ex-combatentes, em certas perguntas começavam a falar, mas interrompiam a resposta com “isso agora não interessa” (M.F) indicando desconforto. Crê-se que foram honestos e espontâneos,

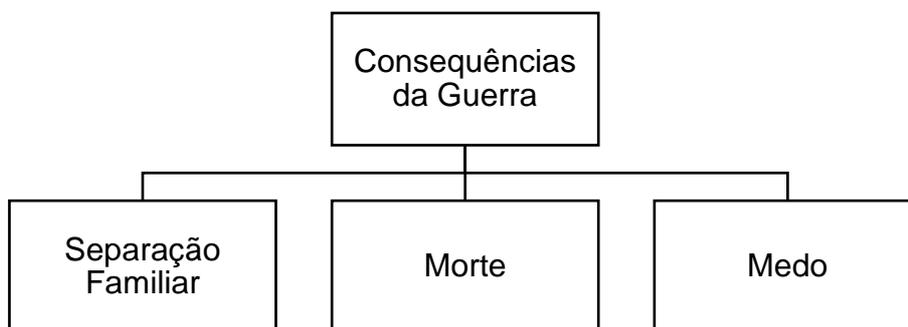
pela postura, maneira de falar e linguagem corporal que exibiram ao longo da entrevista.

Utilizando a codificação aberta a partir da análise de conteúdo das narrativas à luz do preconizado pela *Grounded Theory* foi feita a análise das entrevistas depois de realizada a sua transcrição, na qual foi possível nomear vários códigos relacionados com o objeto de estudo. Conforme os códigos iam sendo encontrados, estes eram organizados em categorias mais abstratas. Por fim, foi obtida a saturação teórica tendo em conta que foi realizada uma última análise das entrevistas e não foram encontrados novos códigos.

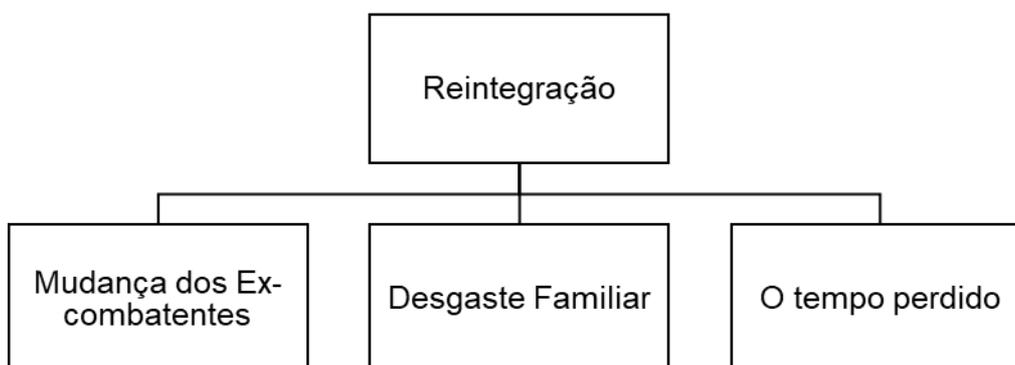
Foram conseguidos três grandes temas dos quais resultou um conjunto de 8 categorias, tendo em conta a análise feita das entrevistas. Foi dado o nome de “Juventude Perdida” ao primeiro tema, englobando as categorias “Roubo da Mocidade” e “Resignação” (esquema 1). Num segundo tema, temos “Consequências da Guerra”, que engloba as categorias “Separação Familiar”, “Morte” e “Medo” (esquema 2). Chegando por fim ao último tema “Reintegração Pós-guerra” onde são aglomeradas as categorias “Mudança dos Ex-combatentes”, “Desgaste Familiar” e “O Tempo Perdido” (esquema 3).



Esquema 1: Primeiro tema e suas categorias



Esquema 2: Segundo tema e suas categorias



Esquema 3: Terceiro tema e suas categorias

Foi notado, ao longo das entrevistas algum conforto por parte dos entrevistados em algumas das perguntas, tendo em conta que iam respondendo a perguntas que ainda não tinham sido feitas, falando de forma natural, mas também houve certo desconforto noutras, quando deveriam falar de momentos passados mais difíceis de ser lembrados e também foi sentida certa necessidade de falar de certos assuntos e partilhar momentos de vida, demonstrando-se também um pouco revoltados “eu só tenho uma coisa a dizer, não acreditam em mim,

ponho-os de lado, eu tenho a minha vida feita, eu fiz a minha reforma sem ajuda de pais, de tios nem de ninguém, se há pessoas honestas aqui em trás os montes, eu sou uma delas, porque eu não admito que me enxovalhem, ninguém!” (O.J).

Focamos o primeiro tema da entrevista na infância e juventude, tentando analisar o ambiente em que estes homens cresceram, pois estes anos são decisivos para o seu desenvolvimento (Erikson, 1976), o que contribui para perceber como estes tomaram cada uma das suas decisões ao longo da vida, dando assim o nome de “Juventude Perdida”, que permite analisar o progresso e as oportunidades que estes homens foram tendo e, talvez mais ainda, que consideram ter perdido.

Foi dado o nome à primeira categoria deste tema como “Roubo da Mocidade” pois, constatou-se nas dez entrevistas que todos estes homens tiveram de trabalhar desde muito cedo uma vez que as famílias eram pobres e todos eles tinham de ajudar os pais, maioritariamente a trabalhar no campo, obrigando-os a crescer mais rápido do que era suposto para a idade, sendo que alguns deles relatam que a profissão ideal era ser agricultor, uma vez que já o faziam desde os sete anos de idade “Nunca tive ideia, trabalhava como agricultor na casa dos pais, portanto já não faço pequena ideia do que queria ser... queria ser agricultor talvez, que era o que fazia na altura” (I.M), outro dos entrevistados refere “A minha família apenas vivia do trabalho e nós acompanhávamos o trabalho, uns tinham ovelhas, outros vacas e nós dividíamos-nos” (E.S). Na pergunta “Lembra-se do que queria ser?” pode ser observado que em todas as respostas nenhum destes ex-combatentes tinham objetivos distintos ou muito elaborados daquilo que era a realidade tal como a podiam perspetivar, pois eram crianças que desde cedo começaram a trabalhar ajudando os pais e “não havia tempo” (E.S) para pensar nessas coisas “Naquela idade era difícil, agora a vida é diferente, entram com um objetivo, na altura os pais pediam

para ir como gado e as pessoas nem pensavam nisso, como os pais não tinham também muitas possibilidades, nem pensava no que queria, quando uma pessoa pensava já tinha uns 20 anos, já tínhamos saído da escola” (A.F); “Na altura nem se pensava nisso, o que sabíamos era trabalhar na agricultura, nem se pensava, os pais tinham muito que fazer e olha, eles mandavam-nos ir com o gado com 7 e 8 anos” (E.S); e quando chegava ao fim o trabalho em casa, começava o serviço militar que era obrigatório “Sei lá, naquele tempo era um bocado complicado, não tenho assim muita noção do que queria ser, depois também tinha aquele problema da guerra, sabia que depois de atingir uma certa idade sabia que à partida tinha quase 90% de probabilidade de ir e à partida tinha de ir não é?” (A.T).

Ao longo das entrevistas consegue sentir-se a saudade num passado e numa infância que já não volta “O que tenho mais saudades é da minha infância toda, eu tinha uma serie de amigos e de amigas na escola primaria de que ainda hoje guardo boas recordações, tenho saudades de muita boa gente da minha infância” (J.F) e, apesar da pobreza e das dificuldades com que se vivia na altura, referem, com grande firmeza, a felicidade que era vivida naqueles anos “Não havia grande tempo para dormir e apesar disso acho que as famílias eram mais felizes” (A.F).

Nas dez entrevistas realizadas é visível a baixa escolaridade, sete das quais têm até ao 5º ano de escolaridade, o que talvez possa ter influenciado na ideia que eles tinham acerca do regime e da guerra colonial, contudo, este dado, considerando os níveis de escolaridade da população portuguesa dentro desta faixa etária não é de estranhar (Pordata, 2018).

À segunda categoria foi dada o nome de “Sentimento de Resignação”. Foi decidido dar esse nome por ser claramente notado, até pela maneira de falar de cada entrevistado, a raiva que sentiram por

serem obrigados a sair da zona de conforto para ir lutar por uma causa que não lhes pertencia “Senti-me assim um bocadinho frustrado” “Fiquei um bocado revoltado, mas pronto, encarei a coisa” (A.F). A maioria estava também a iniciar a idade adulta, tal como Erikson (1976) caracteriza a fase “que o indivíduo anseia e dispõe-se a fundir a sua identidade com a de outros, estando preparado para a intimidade. Tem a capacidade de confiar a filiações e ser fiel a elas, mesmo que isso implique sacrifícios e compromissos significativos. É agora que se pode desenvolver a verdadeira genitalidade, a mutualidade com um parceiro amado, com quem se pode e quer partilhar uma confiança mútua e os ciclos de trabalho, procriação e recreação. O reverso da intimidade é o distanciamento, a tendência a isolar-se e, se necessário, a destruir as forças e pessoas que sente como perigosas para si próprio e que parecem invadir indesejavelmente as relações íntimas. Assim, a crise evidenciada nesta fase é a que opõe a intimidade ao isolamento” (Agudo, 2008), coisa que com a ida para a Guerra, esta fase iria estar a ser prejudicada e poderia ter repercussões no desenvolvimento destes homens e, também, a falta de jovens resultava “A nossa juventude ia desaparecendo. Mesmo na parte emocional e sexual, os soldados não estavam cá, portanto havia a tendência em haver menos filhos, portanto nós todos pensávamos de facto nisso” (J.F).

É dado o nome de “Consequências de Guerra” ao segundo tema pois é importante ver como estes homens lidaram com a saída da sua zona de conforto, incluindo a separação com a família e como conseguiram encarar a morte de colegas e amigos.

“Separação Familiar” é a primeira categoria deste segundo tema. Em todas as entrevistas é possível ver como os pais e irmãos são pilares importantes para a formação destes homens, desde que nascem, até que regressam. É de sentir que a separação, principalmente com a mãe uma vez que ao longo das entrevistas foi observado que a mãe é a principal

figura vinculativa, pois era ela a cuidadora, quem tratava dos filhos e da casa, era sempre difícil, recordavam sempre a mãe com mais saudade. Na décima entrevista foi possível ver um homem a chorar enquanto relatava o difícil que devia ter sido para a mãe, tê-lo visto a ir embora “Para eles talvez tenha sido difícil, mas tudo se passou. Talvez para a minha mãe tenha sido muito difícil. Uma mãe fica sempre sem um filho, não sabendo se ele volta, se ele não volta. Eu dizia sempre que estava bem. Mãe é sempre mãe” (I.F). Apesar de alguns irmãos terem ido e regressado da guerra, era sempre difícil ver os filhos partir, a ida para a guerra e o separar das famílias causou muito sofrimento e instabilidade nas mesmas “A minha mãe e os meus irmãos sofreram muito, os meus irmãos eram mais novos, foram à tropa, mas já não foram para lá, fizeram-na ca, mas os meus familiares sentiam muito a falta e eu também senti a falta deles, mas no aspeto afetivo houve grandes diferenças” (J.F).

Mais difícil ainda do que a separação da família de infância, foi a separação daqueles que já tinham mulher e filhos, como o caso da terceira entrevista “Senti-me mal porque eu já tinha uma filha e ficou ela e a mãe e eu claro, fui para a Guiné e havia sempre saudades da mãe e da filha, dos pais, dos sogros, da aldeia, a gente ia para longe e eu não sabia se voltava ou se não voltava e claro, o remedio era ir” (E.S). Todos eles mencionam que pior do que se separar dos pais, seria separar da mulher e dos filhos, apesar de só três deles incluírem-se nessa situação “Como digo, havia muitos que já eram casados, um ano, dois anos, três anos, era no inicio do casamento, se calhar já deixavam ca um filho, e então essas sofriam bastante porque não sabiam, nada lhe garantia que o marido vinha, podia lá ficar, havia aquela comunicação das pessoas escreverem ‘estou bem, estou bem, por aqui está tudo bem’ e por vezes não estava bem, mas pronto a gente não podia dizer ‘ah e tal, se calhar vou morrer, amanhã ou passado’, não podíamos ir para essa parte” (A.F).

Na segunda categoria vamos analisar a formulação da ideia de “Morte”, por ser importante explorar a forma como os soldados superavam cada morte e como isso se poderia repercutir no dia a dia deles ou futuramente. Na pergunta “Houve algum momento que o marcou mais especificamente?” todos os entrevistados responderam algum acontecimento relacionado com ataques, incluindo que o que lhes tinham marcado mais tinha sido morte de colegas, como foi o caso do senhor A.F que respondeu “Ficamos tristes na altura porque ‘oh pa, falamos ainda há pouco todos e fulano já morreu’, sentíamos aquela falta, mas hoje penso nisso e se calhar se fosse hoje se calhar não me aguentava aquele impacto de estarmos ali todos e dali a pouco estar 20 amigos, 20 camaradas mortos, e naquela altura encarávamos aquilo minimamente bem. Resolvíamos bem, falávamos uns com os outros e vinha pessoal assim um pouco mais corajoso e ‘oh pa, estamos na guerra, portanto ele morreu, mas amanhã posso morrer eu ou tu’... não podemos dar parte de fracos e não, nunca aconteceu isso, as pessoas morriam e a gente lamentava muito e tinha pena desses que morriam, mas tínhamos de seguir em frente, não podíamos abandonar”. Estes homens eram atacados dia sim, dia sim, não tinham tempo sequer para fazer o luto, sendo este tão importante porque “por toda a história e em todas as culturas, os rituais de luto, facilitaram não apenas a integração da morte, mas também as transformações dos sobreviventes” (Walsh & McGoldrick, 1998), podendo então contribuir para disfunções imediatas ou a longo prazo, se não for realizado o luto. Portanto, a não integração da morte, tal como Walsh refere contribui para a sua manutenção, tornando o processo de adaptação à perda ainda mais difícil “Onde a gente ficou mais pesada e triste foi quando morreu o rapaz desfeito pela armadilha. Era difícil, nós não tínhamos psicólogos, tínhamos um medico que era miliciano, e era ele que dava algum conforto, de resto quando morreram os militares foi uma tristeza, uma consternação muito grande, aquilo que aconteceu a eles podia

acontecer-nos a nós” (J.F). Alguns dos ex combatentes, quando regressaram, sonhavam, ainda, com estes acontecimentos.

Relativamente à terceira e última categoria deste segundo tema, foi dado o nome de “Medo”, medo este que estes homens sentiram desde o momento que souberam que iam para a guerra, até ao momento de regressar a Portugal. Nove dos dez entrevistados responderam “medo” à pergunta “Como se sentiu quando soube que ia para a guerra?” respondiam ou medo ou receio “Quando fui para a guerra senti-me um bocadinho com medo, como é obvio, e os meus pais também, e uma pessoa também não sabia o que poderia acontecer” (A.S) também o ex combatente da quinta entrevista respondeu algo semelhante “Sentir, eu já estava mentalizado que ia para a guerra, era muito complicado naquele tempo toda a gente ia pra lá, mas receio sente-se sempre, a gente nunca sabe o que vai acontecer” (A.T). Apenas o segundo entrevistado respondeu que não teve medo nenhum, muito pelo contrário “Senti-me super bem, eu nunca tive medo, vim eu de lá e um irmão meu ia para lá e eu ia se pudesse na vez dele. Ele se tem o dinheiro todo junto para me dar, eu ia na vez dele para Moçambique. Mas eu voltava para lá como tropa” (M.F), dando apenas a justificação de que naquela altura sentia-se jovem e cheio de força, sendo essa a razão que o levava a voltar para aquele cenário.

É normal que o sentimento daqueles homens, todos os dias, fosse de medo, pois havia sempre aquela incógnita, será que voltavam? E depois os ataques que constantemente estavam a sofrer “E além da insegurança de noite...” (A.T). Todavia, quando lhes foi perguntado se pensavam alguma vez em fugir, apenas o nono entrevistado respondeu que ponderou essa ideia “Ainda pensei em fugir, mas foi antes de ir para a tropa, mas tinha de ir às escondidas para a França” (L.P), porém, nenhum deles fugiu realmente, pois o dever de cumprir a obrigação, e o medo de poder acontecer alguma coisa por fugir, era maior “Nunca

pensei aqui e lá muito menos, não tinha grandes hipóteses de fugir” (A.T).

A troca de cartas ou aerogramas eram acontecimentos importantes na vida destes ex-combatentes pois eram momentos que os faziam esquecer da vida que ali tinham e daqueles cenários. As chamadas madrinhas de guerra eram mulheres que durante a guerra estavam encarregadas de dar conforto ao soldado, muitas vezes sem o conhecer, apesar de haver alguns destes casos que originavam em casamento “Foi na guerra que eu a conheci, através de cartas, foi a madrinha de guerra. Foi a minha mãe que arranjou e a mãe dela, vim, encontramos-nos, depois começamos a namorar, vim para Coimbra morar, fomos namorando e casamos” (I.F).

. Alguns destes homens tinham até mais que uma madrinha de guerra com quem trocavam cartas “Trocava cartas, aerogramas, mandei algumas, recebia muitas cartas, tive várias madrinhas de guerra, elas é que escreviam para a gente e a gente respondia” (I.F), onde despejavam toda a sua criatividade e até as suas fantasias sexuais. Seria uma espécie de terapia para se afastarem um bocado daquele panorama de guerra do qual não podiam ignorar. Alguns desabafam com estas mulheres situações mais graves que se passavam com eles, que não podiam contar à família.

No terceiro e último tema chamamos de “Reintegração”. Foi decidido dar esse nome por ser importante analisar as mudanças que os entrevistados tiveram quando regressaram a casa e as possíveis consequências negativas que a guerra possa ter originado no seio familiar, bem como a forma como eles tiveram de se voltar a integrar novamente na sociedade e como continuaram a vida que tinham deixado antes de serem destacados para as antigas colónias portuguesas.

A guerra trouxe bastantes consequências negativas aos ex-

combatentes, principalmente na sua maneira de estar, daquilo que eram “antes de ir para lá era uma coisa, a gente sabia que ia para a guerra, mas longe de pensar que aconteciam coisas que aconteceram, e como elas aconteceram, depois a gente veio pra cá e parece que nem acreditávamos que tínhamos saído da guerra... ficamos sempre com aquela parte traumática. Eu até nem era assim uma pessoa muito nervosa e quando vim de lá fiquei assim um bocado nervoso, entretanto depois fui para guarda e de vez em quando tinha de tomar tranquilizantes, relaxantes porque ainda a gente pensava nisso. Ficam sempre mazelas disso” (A.F) para aquilo que se tornaram “A guerra mudou um bocado sim. Eu vim de lá, andei aí uma temporada que sentia pânico, medo, às vezes estava a dormir, acordava de noite a tremer, a sonhar pensando que estava lá ainda na guerra, pensando que ainda ouvia tiros. Andei assim uma temporada boa. Entretanto foi normalizando, mas ainda há pessoal que sofre esses traumas de guerra, há muita gente que ainda sofre com esses traumas” (A.F), o terceiro entrevistado também referiu algo parecido “Algumas ainda as tenho hoje, por exemplo nervosismo, quanto às insónias tenho muitas, sonho até coisas que se passaram lá, mas outras tenho-as aqui, às vezes coisas malucas, sem jeito, por vezes tenho insónias mesmo daquilo” (E.S). Porém, também houve quem referisse que não consideravam ter mudado “fiquei igualzinho, não alterou nada a minha maneira de ser, mesmo com os soldados, a minha maneira de estar foi sempre tranquila” (J.F).

Em nenhum destes homens consideramos que tivessem alguma perturbação traumática causada pela guerra, porém, julgamos que não é preciso ter uma perturbação traumática para perceber que todos eles sofreram com este conflito, não tendo ajuda nenhuma por parte do estado, incluindo psicólogos, profissionais fulcrais para uma melhor adaptação destes na sociedade, ajudando a superar melhor as sequelas “Na altura não havia ajuda nenhuma!” (O.J), tal como na sétima

entrevista é referida “Nada, não. Eu não sei se aqueles que ficaram com marcas tiveram ajuda ou não, mas aqueles como eu não tivemos ajuda nenhuma. Talvez tivéssemos de ter tido algum apoio. Agora que devesse haver, sobretudo para aqueles que vieram com mazelas, sim, não sei se há” (J.F). A esta primeira categoria decidiu-se dar o nome de “Mudança dos Ex-combatentes”.

Em nove das dez entrevistas fora referido que havia uma boa relação familiar, o que nos leva a pensar que, ou a guerra não trouxe grandes consequências para o seio familiar, ou não foram completamente honestos nas entrevistas, apesar de que nenhum deles mostrou ter grande vontade de falar muito sobre a sua relação família, dando até respostas bastante curtas e nunca entrando em grandes pormenores “É normal, mas penso que a guerra não afetou o meu relacionamento com eles” (L.P); “Era bom e ainda hoje é bom o relacionamento. Não alterou e ainda hoje tenho a ligação, hoje ajudo-os na mesma” (A.S). O sexto entrevistado, apesar de ter referido que tinha uma boa relação com os filhos e com a mulher, mencionou que a guerra pode ter afetado na maneira como educou as filhas e como as tratou, tendo em conta que quando regressou veio uma pessoa mais nervosa “A guerra talvez possa ter afetado na relação com elas, sim, algumas coisas talvez, porque às vezes irritava-me com mais facilidade” (I.M). Por outro lado, o senhor O.J alega que não tinha boa relação com a filha e com a mulher estava até divorciado, mas acaba por citar que possa ter uma certa culpa a guerra, como pode ter sido também a maneira de ser do próprio “Como toda a gente até ao momento que as coisas descambam e quando começam a descambar vai tudo por água a abaixo. Era um bom relacionamento, mas a minha preocupação era ganhar dinheiro para casa, depois há aquelas desavenças entre o casal, depois tu é que tens o direito de lhe dar educação. É provável certas coisas que a guerra possa ter afetado, mas certas coisas eu já nem culpo a guerra, culpo a responsabilidade no dia

a dia, na profissão que cada um tem para levar o ordenado para casa. Há pessoas que infelizmente não querem entender, nem querem respeitar quem foi militar, as pessoas têm de entender que um homem que esteve na guerra, tem de se ter calma, tem que estudar a maneira dele, o feitio, e depois daí é que vêm as desavenças”.

Em relação à questão 27. “Como resolviam os problemas que iam surgindo em casa? Perguntava a opinião à sua mulher ou decidia apenas o senhor? Ajudava com os filhos?” foi observado, no geral, que a mulher tratava das coisas em casa, incluindo os filhos, apesar dos maridos relatarem que “ajudavam quando podiam” (O.J), todavia, apesar de serem elas a tomar conta dos assuntos, eram eles quem decidiam as coisas lá em casa “Os problemas resolvia eu, os meus filhos foram quase criados sem mim, apesar de manter correspondência. Não tive grande tempo para ajudar” (A.S), também o décimo entrevistado respondeu semelhante “Resolvíamos mais eu do que ela, ela tinha mais o trabalho de cuidar dos filhos, mas eu dentro dos possíveis ajudava, mas ela ajudava mais que eu” (I.F).

A esta categoria foi dada o nome de “Desgaste Familiar”, para tentar perceber como as coisas funcionavam em casa depois do regresso destes homens, se tinham um bom relacionamento com os filhos e com a mulher, se, apesar de tudo, sabiam ser bons maridos e ajudar a cuidar das coisas em casa.

Para a última categoria deste último tema foi decidido dar o nome de “O Tempo Perdido”, pois a vida destes homens estancou durante estes anos que estiveram destacados. Neste grupo tentamos perceber o que eles sentiram quando tiveram de deixar os seus empregos e a vida social que tinham.

Foi mostrado, por parte de todos os entrevistados, uma certa revolta pois sentem que foram roubados os meses que estiveram

mobilizados, referindo que poderiam ter começado a sua carreira profissional mais cedo, levando assim a ganhar dinheiro mais cedo, outros teriam emigrado e nem tinham regressado, teriam ficado por lá a fazer as suas vidas “Se calhar se não tivesse havido a guerra, teria sido melhor, estava na França, mantinha-me na França, já não teria vindo para cá e pronto” (M.F); “A minha vida seria como aqueles que não foram à guerra, que não foram chamados e sei lá, podia ser pior, podia ser melhor, mas pelo menos sei que não perdia 3 anos da minha vida, não perdi lá a minha vida, mas pronto, fiquei atrasado” (O.J); “A minha vida talvez tivesse emigrado um ano mais cedo para a França, mais nada, mas não tinha tido tantos pesares se não tivesse sido a guerra” (I.M); “São coisas que podiam ter sido de outra maneira, podia talvez ter casado mais cedo” (I.F). Não foi notado por nenhum dos entrevistados que tivessem gostado da experiência de guerra, por terem ficado parados no tempo, pois, apesar do tempo de mobilização não ser muito prolongado, muita coisa mudou no país nesse tempo, incluindo as pessoas, como referido na décima entrevista “Talvez mudou muito. Mudou porque durante esses anos que estive lá, deixei de fazer a minha vida profissional, depois quando voltei tive de começar tudo de novo, as coisas já eram diferentes. Quando vim, foi uma miúda esperar-me e eu não a conhecia porque quando fui, ela era pequenina, depois de 4 anos... perdi a noção do que era a vida porque no maior da minha mocidade, não passei a mocidade. A gente podia ter seguido outro rumo, melhor ou pior não se sabe” (I.F).

Estes homens tiveram de se adaptar à mudança e reintegrar-se, apesar de alguns não terem reagido muito bem, um dos factos para isso não ter sido possível foi não terem recebido ajudas quando voltaram, nem terem tido reconhecimento por parte do estado nem das pessoas, “Devíamos ter recebido mais apoio nessa altura, pelo menos ajudar a arranjar emprego” (I.F), a revolta destes ex-combatentes era visível “o próprio povo português não reconhece, não se lembram que houve

militares, que houve jovens com 21 e 22 anos que foram para a guerra, o povo a criticar e se calhar com inveja de 150€ por ano... é inveja que têm por isso? E aqueles que morreram? Não reconhecem... Não querem pensar nem falar que tivemos vários exércitos para irem para Angola, para irem para África!” (O.J).

Depois de elaborada a análise aberta dos dados (de onde fizemos sobressair unidades de análise que nos permitiram codificar categorias maiores), o estudo para a determinação de uma codificação axial (da qual pudemos retirar três grandes áreas – se assim lhes podemos chamar – de organização da informação) faltava encontrar uma ordem superior de interpretação dos dados. Esta ordem mais complexa, que configura o processo de codificação seletiva, parece-nos apontar para uma ideia de Identidade que se viu posta em causa, uma Identidade que não teve oportunidade normativa de acontecer. A categoria core poderá ser então, precisamente, uma ideia de “Identidade silenciada” apresentada entre aspas por não ser suficientemente clara mesmo para nós ao longo dos processos de tratamento dos dados.

Esta “Identidade Silenciada” poderá estar relacionada com a falta de livre arbítrio que estes homens sentiram durante a guerra, sendo que, poderiam ter opiniões muito próprias que naquele contexto foram silenciadas porque havia uma entidade superior cujas ordens teriam de ser cumpridas. Este facto poderá ter trazido consequências negativas a longo prazo, podendo continuar a sentir repressão em expressar os seus pensamentos e sentimentos.

VI – Discussão

Tendo em conta o objeto de estudo com o conteúdo que estava em jogo, podemos compreender que havia ou podia acontecer com

frequência, um clima tenso, dependendo das perguntas que eram feitas, todavia, o constrangimento sentido no início de cada entrevista foi-se dissipando ao longo do decorrer destas, alguns dos entrevistados até faziam relatos sobre assuntos que nada tinham a ver com o tema pretendido, havendo sempre uma certa dificuldade em lhe colocar um término para assim conduzir a entrevista para o tipo de questões que mais interesse tinham para o nosso estudo.

Quatro dos entrevistados tiveram a esposa presente, o que pode ter causado algum constrangimento nas respostas que eram dadas, tendo em conta que não acabavam algumas das respostas que queriam dar e, também, a postura tensa desses homens, o que nos pode levar a ponderar a hipótese de ter havido respostas mais pessoalmente censuradas ou momentos onde o uso da linguagem possa ter sido constrangido pela presença dessa terceira pessoa ou, ainda, por ser a entrevistadora uma mulher e muito jovem se comparada com a idade dos participantes. Todos os outros falaram sem quaisquer constrangimentos e limites.

As informações fornecidas consideramos terem sido relevantes e os dados recolhidos suficientes para a nossa análise.

O principal objetivo do presente estudo é compreender de que forma a Guerra Colonial Portuguesa influenciou o desenvolvimento da pessoa, do seu processo de inserção no regresso a casa, na construção do seu percurso de vida, na evolução familiar e como as situações vividas durante a guerra afetaram diretamente os dez entrevistados e indiretamente todas as pessoas e situações das suas vidas depois da Guerra. O objetivo maior será o de contribuir para um pequeno levantar do véu deste tempo da vida na vida atual destes indivíduos procurando reconhecer-lhes importância e validando as suas experiências ajudando-os, se possível, a lidar na idade avançada com uma experiência que lhes foi imposta e depois socialmente silenciada. Esta

formulação dos objetivos do trabalho insere-se numa preocupação a propósito do trabalho em Psicologia que podemos fazer alicerçar na teoria.

Tal como postulado pelo existencialismo e pela psicologia Rogeriana, denota-se que, muitas vezes, apesar do livre arbítrio, os ex-combatentes tinham a tendência para se iludir acabando por acreditar em algo sobre o qual poderiam não estar totalmente convictos ou sentir-se até mesmo reticentes como se pode comprovar em algumas (Sartre & Ferreira, 1970; Moreira, 1999) afirmações: “Não, nós vimos coisas e que depois até as faríamos nós também que eu achava que estava mal feito, muito mal feito” (M.F); “Nós em principio acreditávamos porque incumbiram-nos aquilo e pensávamos que aquilo era um “grito” que nós tínhamos e que aquilo era nosso... afinal aquilo não era nosso, era deles, nós lutávamos e aquilo que nos mandavam fazer, nós eramos obrigados a fazer, mas por fim nós vimos que aquilo não era nosso, aquilo era deles e nós é que andávamos errados” (E.S); “Estávamos a combater por obrigação, aceitava-se mal, estávamos a combater por algo que não nos pertencia, a cada um de nós” (J.F).

Os ex-combatentes passavam por um período de luto geralmente causado pela perda de companheiros, muitas vezes presenciando a sua morte. Alguns estudos mostram inclusivamente que assistir à morte de companheiros de guerra era um dos principais desencadeadores de perturbações psicológicas ligadas à Guerra (Pereira, Pedras, Lopes, Pereira & Machado, 2010). Isto pode ser comprovado por vários dos testemunhos recolhidos: “Perdemos 5 soldados, um deles foi estilhaçado pela armadilha que já lhe contei e outros por acidente. Onde a gente ficou mais pesarosa e triste foi quando morreu o rapaz desfeito pela armadilha. Era difícil, nós não tínhamos psicólogos, tínhamos um medico que era miliciano, e era ele que dava algum conforto, de resto quando morreram os militares foi uma tristeza, uma consternação muito

grande, aquilo que aconteceu a eles podia acontecer-nos a nós, mas onde se sentiu mais foi naquele rapaz porque nem ossos se aproveitaram. Ainda ficamos uns dias a guardar os restos do corpo, sangue ao fim e ao cabo” (J.F); “Houve, momentos difíceis, muito difíceis, mortes de colegas, outros quase a morrer de feridos, houve pessoas que nunca mais vi, são marcas que ficam sempre. Ainda hoje, eu nunca mais sou o que era, ainda agora falar nesta situação parece que até os cabelos se poem em pé, é verdade, mas também houve momentos bons. Agora o trauma ficou” (A.T).

Um aspeto muito importante nos ex-combatentes é a influencia do trauma da guerra e o desenvolvimento familiar. Alguns dos entrevistados admitem a possibilidade de que a participação na guerra colonial possa ter estado ligada ao modo como educaram os filhos, mesmo que indiretamente. “A guerra talvez possa ter afetado na relação com elas, sim, algumas coisas talvez, porque às vezes irritava-me com mais facilidade” (I.M). Foi ainda divulgado que nunca tinha falado sobre a guerra com os seus familiares, o que pode revelar uma certa angústia ao relembrar estes factos ou pode revelar falta de vontade de relembrar para partilhar as coisas marcantes que passou durante esta época. Conforme leituras diversas, (Payne, 2006) e de todo modo, consideramos seguro afirmar que estes indivíduos se sentiram aliviados no final da sua participação no processo desta investigação onde tivemos como principal preocupação a escuta ativa e empática das suas falas (Rogers, 1992; Fontgalland, & Moreira, 2012).

Um dos entrevistados considerava que a sua relação com a família era boa “Era bom, eu fui sempre maluco pelos filhos, ainda hoje me mantenho amigo dos filhos” (M.F). No entanto, a esposa do dito entrevistado, que esteve presente durante a entrevista, confessou no final, já quando este não estava presente, que na realidade a relação era um pouco conflituosa sobretudo depois da guerra. Isto pode indicar que

essa relação tumultuosa poderia ser encarada pelo entrevistado como sendo normal.

Um aspeto importante a ter em conta é a religiosidade dos ex-combatentes e de que modo esta ajudou a ultrapassar as circunstâncias mais difíceis durante esta época. A totalidade dos entrevistados revelou que a religião foi um aspeto muito importante para aguentar as vicissitudes que foram ocorrendo ao longo daquele período, sendo que todos eles acreditavam que Deus os poderia ajudar “Sou sim senhor. Pedia a deus para me auxiliar. Eu acho que ajudou a ultrapassar. Fui sempre religioso e mantenho... ainda hoje leio muitos livros sobre religião” (M.F); “A religião penso que tem influência na vida de toda a gente. Uma pessoa encara as coisas, penso eu, de uma outra perspectiva, com mais confiança, mais esperança. Sim ajudou, na guerra e fora dela. Ajuda a encarar as coisas com mais tranquilidade, com mais esperança” (J.F); “Sim, não sou muito ativo, mas sim, sou religioso. Por vezes ajudou, sim, a gente por vezes põem-se a pensar em casos que aconteceram e tem aquela fé e vamos sempre a pensar que vamos ser protegidos” (E.S).

Todos estes elementos estão relacionados pela Core Category (“Identidade Silenciada”), visto que, todos estes elementos contribuíram para a repressão do desenvolvimento da sua identidade, algo que os afeta até à atualidade “vim privado de toda a minha juventude que era o tempo que eu poderia aproveitar mais” (A.T); “Não gostava de falar, às vezes quando procuravam alguma coisa lá se falava, mas não gostava de falar o que se passou lá. Evitava porque certas coisas que a gente lá passou evitava de estar a contar para que não custasse às pessoas que ca estavam” (E.S).

É de realçar a falta de literatura acerca da religião e da sua contribuição na vida dos combatentes durante e após a Guerra e sendo este um ponto muito referido por estes, deveria ser tido em conta em

estudos futuros. De qualquer modo, uma vez que no nosso trabalho este tema foi referido mas exigiria maior atenção do que a que lhe foi prestada ao longo das conversas havidas, numa investigação posterior pensamos que seria interessante abordar precisamente esta vertente, se não da religião propriamente dita, pelo menos dos aspetos de espiritualidade que possam ter estado na base de recuperações mais ou menos positivas nas vidas destes homens e suas famílias.

Conclusão

Com a elaboração desta investigação, considera-se que os objetivos iniciais foram alcançados. Conseguiu-se entender melhor o efeito da guerra colonial no desenvolvimento familiar dos ex-combatentes e do próprio. Com esta tese foi desenvolvido um melhor espírito crítico, técnicas de investigação e organização de informação, além de ter sido uma mais valia na formação enquanto psicólogo visto que se mostrou uma escuta ativa, sem ser feito qualquer julgamento e entender os processos mentais, emocionais e conativos que influenciaram o desenvolvimento familiar dos ex-combatentes.

Da análise feita às entrevistas aos ex-combatentes, elaboraram-se, como já referido, oito categorias divididas em três temas: Juventude Perdida, Consequências de Guerra e Reintegração.

Com este estudo, foi notório que apesar de muitos dos visados não concordarem ou não estarem totalmente certos acerca do que estava a acontecer à época e em plena atmosfera de conflito armado, acabaram por se conformar, e acabavam por cumprir as suas missões e elaborar e responder às exigências das suas tarefas.

Outro ponto notório nesta investigação é o sentimento de luto sentido pela maioria dos ex-combatentes, relacionado sobretudo com a perda de colegas, sobretudo quando presentes no momento do

falecimento. Muitos dos entrevistados tinham como momento mais marcante, acontecimentos relacionados com estes factos, sendo que alguns deles ainda hoje evitam falar com os familiares acerca destes momentos mais difíceis, o que poderá indicar um luto mal processado, ponto este que poderia ser mais trabalhado do ponto de vista terapêutico. Ao nível deste luto por morte de alguém, há ainda a considerar um outro lamento (quase implícito) pela perda de si mesmos pois todos os participantes referiram as perdas pessoais, a perda essencial do seu tempo de juventude.

Um aspeto claramente notório na análise das entrevistas foi a importância dada à religião por parte dos intervenientes e o modo como esta ajudou a ultrapassar este tempo, sobretudo nas ocasiões mais complicadas, sendo um dos únicos aspetos unânime em todas as entrevistas. Contrariamente do que seria esperado, a grande maioria dos visados não recorreu ao capelão.

Ao longo da elaboração desta tese ficou claro que a participação na guerra colonial teve influência no desenvolvimento familiar, social e pessoal nos ex-combatentes. Muitos dos visados demonstraram uma certa renitência em falar com os familiares acerca das situações vividas durante o período bélico em que participaram, podendo ser uma pista para um possível luto mal processado que poderia estar na origem, ou pelo menos como influenciador no trato que o próprio tem com aqueles que lhe são mais próximos. Apesar de a maioria dos sujeitos não considerarem o facto de ter participado na guerra colonial um fator decisivo no modo como atuam e se relacionam com os seus familiares, considerando, por vezes, terem um relacionamento bom, ou até muito bom com os seus entes mais próximos, ao ouvir a opinião de alguns destes entes, entende-se que a realidade é que este relacionamento pode não ser assim tão pacífico como estes homens consideram. Posto isto, poder-se-ia questionar se esta ilusão seria uma tentativa de esconder a

realidade ou se realmente consideraram que esse relacionamento é aquilo que eles entendem como normal e até que ponto a passagem pela guerra influenciou este modo de lidar com o outro.

Diremos que a experiência de Guerra pode ter obrigado a um processo crítico de construção de si mesmo que, ainda hoje, mais de 40 anos depois, pode estar ligada a uma forma de dificuldade de recapitulação do percurso de vida. À luz das teorias do desenvolvimento, por exemplo na perspectiva de Erikson (Erikson, 1964) a aproximação da fase final da vida deve permitir um sentimento de dever cumprido, de serenidade. Perguntamo-nos como poderão estes homens concluir-se enquanto indivíduos se um tempo tão crítico da sua vida se vê socialmente convidado ao silêncio e gostaríamos de pensar que este trabalho, pelo menos para este pequeno grupo de participantes, foi um levantar de barreiras e um momento de reconforto pessoal para todos que contribuíram com as suas narrativas para a investigação agora apresentada.

Em futuros trabalhos seria importante dar foco à influência da religião no desenvolvimento pessoal do ex-combatente, considerando a possibilidade de encontrar um maior número de participantes, de modo a ter uma maior diversidade de opiniões e respostas. Algo que se notou ao longo da recolha bibliográfica é que a maioria dos trabalhos se focam apenas na PTSD e não noutros efeitos psicológicos e sociais nestes indivíduos, logo, poderia ser algo a ser focado futuramente.

Referências bibliográficas

Agudo, V. R. C. (2008). *A transição para a idade adulta e os seus marcos: que efeito na sintomatologia depressiva?* (Doctoral dissertation).

Biklen, S. & Bogdan, R.C. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 134-301.

Cassiani, S. H. B., Caliri, M. H. L., & Pelá, N. T. R. (1996). A Teoria Fundamentada nos Dados como abordagem da pesquisa interpretativa. *Revista Latino-americana de enfermagem*, 4(3), 75-88.

Diniz, M. E., Tavares, A. & Caldeira, A. M. (2004). *História nove* (1ª ed). Lisboa: Lisboa Editora.

Erikson E. *Insight and Responsibility*. New York: Norton, 1964.

Fernandes, E. M. & Maia, A. (2001). Grounded theory. *Métodos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Universidade do Minho. Centro de estudos em educação e psicologia, 49-76.

Fontgalland, R.C., & Moreira, V. (2012). Da empatia à compreensão empática. *Memorandum*, 23, 32-56.

Foy, D. W., Resnick, H. S., Siprelle, R. C., & Carrol, E. M. (1987). Preliminary military and post-military factors in the development of combat related stress disorders. *The behavior therapist*, 10, 3-9.

Frankl, V. E. (1985). *Man's search for meaning*. Simon and Schuster.

Gomes, C (2018). *Furriel não é nome de pai* (1ª ed.). Lisboa: Tinta da China.

Haldane, D., & McCluskey, U. (1982). Existentialism and family therapy: A neglected perspective. *Journal of Family Therapy*, 4(2), 117-132.

Handler, R. (1987). Narrative Psychology: The Storied Nature of Human Conduct. Theodore R. Sarbin. *American Anthropologist*, 89(2), 515-516.

INE, DGEEC|Med/MCTES, Pordata (2018). População residente do sexo masculino com 15 a 64 anos e 65 e mais anos: por nível de escolaridade completo mais elevado. *Website da Pordata*. Acedido em 24 de setembro de 2018 em <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>.

Lima, L. N., & Ferro, M. J. (2014). *Grounded Theory: Uma Metodologia Qualitativa de Investigação*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Maia, Â., McIntyre, T., Pereira, M. G., & Fernandes, E. M. (2006). *Por baixo das pústulas da Guerra: Reflexões sobre um estudo com ex-combatentes da Guerra Colonial*. Universidade do Minho: Departamento de Psicologia da Universidade do Minho.

Moreira, M. A. (1999). *Teorias de aprendizagem*. São Paulo: Editora pedagógica e universitária.

Payne, M. (2006). *Narrative Therapy*. London: Sage.

Pedras, C. S. A. (2009). *Variáveis de saúde, familiares e de psicopatologia em filhos de veteranos da guerra colonial portuguesa* (acedida em 20 julho 2018, disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11370/3/Tese.pdf>).

Pereira, M. G., Pedras, S., Lopes, C., Pereira, M., & Machado, J.

Narrativas dos protagonistas sobre aspetos do seu desenvolvimento pessoal e familiar
– Um estudo exploratório junto de ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa.
Jennifer Santos (e-mail: jennifer.a-santos@hotmail.com) 2018

C. (2010). PTSD, psicopatologia e tipo de família em veteranos de Guerra Colonial Portuguesa. *Revista de Psicologia Militar*, 19, 211-232.

Petrini, M., & Pozzebon, M. (2009). Usando Grounded Theory na Construção de Modelos Teóricos. *Revista Gestão e Planejamento*, 10(1), 1- 18.

Rennie, D. L., Phillips, J. R., & Quartaro, G. K. (1988). Grounded Theory: A promising Approach to Conceptualization in Psychology? *Canadian Psychology*, 2(29), 139-150.

Rogers, C. (1992). *Terapia Centrada no Cliente* (Trad. C Bartalotti). Martins Fontes: São Paulo.

Sartre, J., & Ferreira, V. (1970). *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Editorial Presença.

Sendas, S. (2010). *Elaboração de significado das histórias de vida de ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa com e sem Perturbação de Stress Pós-Traumático*. Universidade do Minho: tese de doutoramento em Psicologia.

Struass, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques*. London: Sage Publications.

Struass, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for developing Grounded Theory*. (2^a edição). London: Sage Publications.

Veríssimo, R. (2002). *Desenvolvimento psicossocial* (Erik Erikson). Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 2002.

Walsh, F., & McGoldrick, M. (1998). *Morte na família*:

sobrevivendo às perdas. Artmed.

Anexos

Anexo 1

Pedido de colaboração

O presente estudo está a ser realizado no âmbito da Dissertação do Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sendo orientado pela docente Professora Doutora Maria Jorge Ferro e realizado pela aluna Jennifer Santos.

O objetivo principal deste estudo é inferir de que modo a participação na guerra colonial influenciou o desenvolvimento familiar ao longo do tempo. Para o concretizar será necessário aplicar um questionário aos ex-combatentes, assegurando-se o completo anonimato das respostas e a utilização exclusiva dos dados recolhidos para o efeito da presente investigação.

Neste sentido, venho solicitar a V. Exa autorização para que possamos proceder à recolha de dados. Estarei disponível para o esclarecimento de quaisquer dúvidas referentes a este estudo.

Com os melhores cumprimentos,

Coimbra, 17 de janeiro de 2018

Contactos:

Jennifer Santos: 934468281 (jennifer.a-santos@hotmail.com)

Anexo 2

Guião de entrevista – A vida sob a influência da Guerra Colonial

1. Nome (Vamos, depois, para a investigação, atribuir-lhe um nome fictício de modo a garantir absoluta confidencialidade do que nos disser)
2. Idade
3. Anos de escolaridade - Habilitações literárias. Onde andou na escola? Entrou com que idade? Lembra-se desse tempo? Lembra-se do que queria ser quando fosse adulto?
4. Se trabalhou/ em que (trabalho remunerado, para além do trabalho que tinha em casa)
5. Antes da Guerra Colonial: Como era constituída a sua família? O que me pode dizer sobre esta família? Quem “mandava”? Quem cuidava de si quando era criança? Como se davam os seus pais? De quem tem mais saudades? Como era a vida da sua família nesse tempo? Como diria que era a vida das famílias nessa altura? A sua família era mais ou menos amiga que a maioria daquelas que conhecia? Porque diz isso?

(Como o objetivo do trabalho é perceber se a guerra teve implicações no modo como as pessoas foram vivendo as suas vidas, há umas quantas perguntas que pedem lembranças de como era a vida antes e depois...)

6. Assim: Como era a sua vida antes da guerra?
7. Foi antes ou depois da guerra que conheceu a sua mulher? Que idade tinham? Como se conheceram? Conheciam-se desde crianças? Como foi a reação das vossas famílias quando a sua a conheceu e quando a família da senhora o conheceu a si? Como foi a reação das vossas famílias quando se conheceram (uns aos outros)?

8. Quando casaram? E como foi o casamento? Quem organizou o casamento? Houve alguém a opor-se (ou a não gostar) que se casassem?

Agora, então, sobre a Guerra...

9. Como se sentiu quando soube que ia para a guerra? Conhecia alguém que já tivesse sido mobilizado? (Claro que não havia internet e nem tantos jornais, a televisão também não chegava a todo o lado... via televisão? Como é que as pessoas sabiam de alguma coisa? Circulava informação sobre a Guerra? Como?)
10. Com que idade é que foi para a guerra?
11. Para que país foi mobilizado?
12. Quanto tempo esteve destacado?
13. A comunicação nessa altura não era fácil, como mandava notícias durante esse tempo, trocava cartas? Com quem? Qual era o conteúdo? Com que regularidade trocava correspondência? Ouvi falar de aerogramas, o que era isso? E fotografias, enviava fotografias para casa? (de quê?) Como fazia essas fotografias? E recebia fotografias durante a Guerra? Quando enviava, era para quem? Porquê? E quem é que enviava imagens a si? Com que frequência?
14. Entre homens (soldados) falavam da Guerra? Falavam da vida que tinham em Portugal? Falavam das famílias? Falavam dos projetos que tinham antes de terem sido mobilizados? Falavam dos projetos para viver após a Guerra?
15. Acha que estava a combater por uma causa que lhe fazia sentido, na qual acreditava? (explique um pouco... por ex., em relação ao regime, pela questão das colónias, qual era o seu pensamento?)

16. Alguma vez voltou a Portugal no período que esteve destacado?
Quais foram os sentimentos quando veio e quando voltou?
17. Pensou na possibilidade de abandonar a Guerra e, conseqüentemente o país /desertar? Fugir? – Se sim: ficou por quanto tempo? Levou alguém consigo? Que sentimentos lhe passavam quando estava lá fora? Conhece alguém que o tenha feito? O que pensa disso?
18. Houve algum momento que o marcou mais especificamente?
19. A guerra mudou a sua vida? De que forma? Acha que a guerra mudou a sua forma de ser ou certos comportamentos que tinha foram influenciados pela guerra? Por exemplo, do antes para o depois da guerra, se era uma pessoa calma, ou uma pessoa divertida, ou um indivíduo muito sério... diria que continuou igual ou julga que mudou?
20. Em relação à sua família, acha que a guerra teve influencias sobre ela? Como? A sua mãe? O seu pai? Irmãos (se tinha, algum esteve mobilizado também para a Guerra? Em que período? Há casos de irmãos na Guerra ao mesmo tempo, foi o seu caso? E irmãs, tinha irmãs jovens nessa altura? Como viveram elas a Guerra? Acha que as mulheres foram afetadas pela Guerra Colonial? Como? Quer dizer, de que maneira é que as mulheres podiam ser afetadas pela Guerra?

21. Alguma vez falou da guerra depois de ter regressado? Com quem? Qual o conteúdo dessas conversas? Quando voltou, costumava falar sobre o tema ou sobre algumas coisas desse período (por exemplo, como era o país onde esteve, como eram as pessoas, o clima, a comida, as frutas, os animais, as pessoas que lá conheceu, situações...)? A falar sobre a Guerra, fazia-o

por sua iniciativa ou apenas quando lhe perguntavam alguma coisa? Gostava de o fazer ou evitava o assunto? Porquê?

22. É normal depois da guerra voltar com algumas questões como problemas de sono, dores de cabeça, reagir facilmente a certos ruídos... teve alguma dessas reações?
23. Perdeu algum amigo, durante a Guerra Colonial? O seu corpo de militares sofreu muitos ataques perigosos? Estiveram envolvidos em situações que considere, ainda agora, muito críticas? Pode relatar-me alguma? Como ficava o ânimo dos pelotões quando perdiam alguém?... Como resolviam esse estado?
24. Depois da guerra tiveram algum tipo de apoio, por parte do estado, fosse ele monetário, de saúde, psicológico...? O que pensa disso?

E sobre questões de fé:

25. É uma pessoa religiosa? Qual o papel que a religião teve na sua vida? Acha que a sua fé o ajudou a ultrapassar momentos difíceis? Alguma vez recorreu ao capelão, na Guerra? Neste momento, sente-se uma pessoa com fé?

Quando voltou e depois de casado:

26. Teve filhos antes, durante ou depois da guerra? Como era o seu relacionamento com eles? Se tinha filhos antes de ir para a Guerra, como é que este facto alterou (se é que alterou) a sua ligação a eles? E como descreve a relação que tem com os filhos (se os havia) de antes e nascido após o seu regresso? Acha que, havendo diferença na ligação que estabelecem, esta se deve a quê?

27. Como resolviam os problemas que iam surgindo em casa?
Perguntava a opinião à sua mulher ou decidia apenas o senhor?
Ajudava com os filhos?
28. Como é viver com todas estas histórias (como pensa que o marcaram)?
29. Se não tivesse havido guerra, em que é que a sua vida teria sido diferente? Como e porquê?
30. Há, ainda hoje, quem se considere vítima ou herói da Guerra Colonial. O que pensa disso? Situa-se em algum desses pontos (da vítima ao herói? E se fosse uma linha, estará mais perto de que situação)? O que tem a dizer sobre os heróis e as vítimas da Guerra Colonial? Existindo, então, quem foram e porque merecem estes “títulos”?

Anexo 3

Tabelas auxiliares para a realização da análise dos dados:

	Idade	Escolaridade	Ocupação
A.F.	65	5º	GNR
M.F.	71	4º	GNR
E.S.	68	4º	GNR
A.S.	78	12º	Militar
A.T.	67	4º	Comerciante
I.M.	74	4º	Taxista
J.F.	75	Licenciatura	Professor
O.J.	70	4º	Construção civil
L.P.	75	11º	Funcionário das finanças
I.F.	79	4º	Operário fabril

Educação	“Na altura nem se pensava nisso, o que sabíamos era trabalhar na agricultura, nem se pensava, os pais tinham muito que fazer e olha, eles mandavam-nos ir com o gado com 7 e 8 anos.” – E.S
Pobreza	“A família era pobre, eu e a minha irmã que já morreu

	era a mais velha, eu e o meu irmão G. que era mais velho que eu e eu e o meu pai trabalhávamos muito, o meu pai era um homem muito trabalhador, e mesmo a minha mãe era muito trabalhadeira, cuidava de nós dos filhos e da casa.” – M.F.
Infância	“Tenho mais saudades da minha infância toda, eu tinha uma serie de amigos e de amigas na escola primaria de que ainda hoje guardo boas recordações, mas tenho saudades de muita boa gente da minha infância.” – J.F
Principal figura vinculadora	“eu adorava a minha mãe, o meu pai era mais ríspido, a minha mãe era uma santa de uma mulher, e no meu quarto tenho fotografias em ponto grande dos dois. Quem mandava era o pai. Quem cuidava era a minha mãe e as outras minhas irmãs mais velhas” – A.S
Religião	“Pedia a deus para me auxiliar. Eu acho que ajudou a ultrapassar. Fui sempre religioso e mantenho... ainda hoje leio muitos livros sobre religião.” – M.F
Resignação	“ Hoje sei, mas hoje não me apanhavam lá... porque afinal eu fui defender o que? Os bens de milhares de corruptos. Exploradores que maltrataram os negros e os desgraçados dos jovens de 21 e 22 anos foram para lá aquecer as costas, para enriquecerem, para roubar aos negros! Foram os próprios portugueses que maltratam os negros, mas isso não está explicito! Nunca disseram assim "muito obrigado a todos estes homens". Isto é a mim que me revolta.” – O.J
Crença na causa	“ Nunca acreditei muito porque havia uma certa diferença entre nós que íamos para lá e eu sempre pensei dessa forma porque eu não tinha lá nada, venho defender o que? Aquilo que não é meu?” – A.T
Conformismo	“ Estávamos a combater por obrigação, aceitava-se mal, estávamos a combater por algo que não nos pertencia” – J.F

Luto	<p>“Onde a gente ficou mais pesarosa e triste foi quando morreu o rapaz desfeito pela armadilha. Era difícil, nós não tínhamos psicólogos, tínhamos um medico que era miliciano, e era ele que dava algum conforto, de resto quando morreram os militares foi uma tristeza, uma consternação muito grande, aquilo que aconteceu a eles podia acontecer-nos a nós” -J.F</p>
Sofrimento pessoal	<p>“Houve, momentos difíceis, muito difíceis, mortes de colegas, outros quase a morrer de feridos, houve pessoas que nunca mais vi, são marcas que ficam sempre. Ainda hoje, eu nunca mais sou o que era, ainda agora falar nesta situação parece que até os cabelos se poem em pé, é verdade, mas também houve momentos bons. Agora o trauma ficou.” – A.T.</p>
Namorados vs maridos	<p>“A minha irmã era solteira, vivia com os meus pais, as solteiras acho que se estavam marimbando. Eu acho que foram afetadas, mais as casadas e alguns que até eram casadas e tinham já filhos. Claro que sentiam a ausência dos maridos, foi difícil.” – M.F.</p>
Medo	<p>“...receio sente-se sempre, a gente nunca sabe o que vai acontecer.”; “E além da insegurança de noite...” – A.T</p>
Eles e os filhos	<p>“Às vezes fui um bocado revolucionário porque foram criadas de uma maneira que não fui eu e eu por exemplo penso mais na vida do que elas, assim certas coisas, estou sempre a pensar no dia de amanhã. A guerra talvez possa ter afetado na relação com elas, sim, algumas coisas talvez, porque às vezes irritava-me com mais facilidade.” – I.M.</p>
Mudanças dos combatentes	<p>“Algumas ainda as tenho hoje, por exemplo nervosismo, quanto às insónias tenho muitas, sonho ate coisas que se passaram lá, mas outras tenho-as aqui, às vezes coisas malucas, sem jeito, por vezes tenho insónias mesmo daquilo.” – E.S</p>

Tempo perdido	“A minha vida seria como aqueles que não foram à guerra, que não foram chamados e sei lá, podia ser pior, podia ser melhor, mas pelo menos sei que não perdia 3 anos da minha vida, não perdi lá a minha vida, mas pronto, fiquei atrasado.” – O.J
Separação familiar	“A minha mãe e os meus irmãos sofreram muito, os meus irmãos eram mais novos, foram à tropa, mas já não foram para lá, fizeram-na ca, mas os meus familiares sentiam muito a falta e eu também senti a falta deles, mas no aspeto afetivo houve grandes diferenças.” – J.F